

Avaliar... para que?¹

To evaluate, why?

Marília Pizzato Bratti ²

Resumo: Este artigo propõe-se a fazer uma diferenciação e a análise da avaliação sob as óticas “qualitativas” e “quantitativas” reconhecendo a avaliação como um ato político. Tece também algumas considerações a respeito da avaliação libertadora e, do seu papel em nossa sociedade.

Palavras-Chave: avaliação, processo político pedagógico.

Abstract: This article intends to do a differentiation and an analysis of the evaluation under the “qualitative” and “quantitative” optics, recognizing the evaluation as a political act. It also shows some considerations about the liberating evaluation and its role on our society.

Key- Words: evaluation, political-pedagogic process.

Introdução

Percebendo distorções ora ingênuas ora conscientes em relação ao processo avaliativo na realidade escolar redigi estas considerações. Sem a pretensão de propor uma receita ou modelo a ser seguido procuro resgatar, baseada em SAUL (2000), as considerações feitas em relação a avaliação “qualitativa” e “quantitativa” e discutir alguns compromissos da avaliação libertadora para com a sociedade que aí está.

Julgar, selecionar, excluir ou diagnosticar, libertar e incluir? Qual será a função da avaliação?

Avaliando a avaliação...

É intrigante o fato da Avaliação constituir-se num objeto constante de preocupação e investigação entre os educadores e pesquisadores do cotidiano

¹ Este artigo delineou-se durante as aulas das disciplinas de Metodologia e Seminário de Pesquisa e de Fundamentos Teóricos da Avaliação com a Prof. Dr^a. Maria A. L. Silva e Prof^a. Dr^a. Gersolina A. Lamy da Primeira Turma de Mestrado em Educação e Cultura em Joinville — SC. turma 01/2000.

² Graduada em Pedagogia. pós-graduada em Psicopedagogia e mestranda em Educação Cultura da UDESC. Professora da UNIVILLE.

e da realidade escolar e o *fato* de ter ainda sua compreensão e função distorcida e / ou pouco compreendida.

Se todos somos submetidos, antes mesmo de nascermos, a constantes avaliações e em nosso dia-a-dia vivemos avaliando então, por que é que sempre que se fala em avaliação grande parte das pessoas sente-se incomodada? E nas escolas, quantos são os alunos que passam mal, antes ou durante uma avaliação? Será a avaliação um “bicho” tão poderoso assim? O que, como profissionais, da educação poderemos fazer para que as próximas gerações não saiam das escolas com traumas por ela causadas?

Pretende-se com este estudo tecer algumas considerações a respeito da avaliação “quantitativa” e “qualitativa”, suas características e preocupações, dando, segundo SAUL (2000), uma ênfase maior á avaliação de caráter libertador e seus compromissos.

Antes de mais nada, é necessário deixar bem claro que a avaliação é necessária, fundamental e está diretamente relacionada á concepção de mundo / indivíduo / sociedade que o professor possui e se propõe a construir, portanto, nem a prática pedagógica do professor nem a avaliação podem ser classificadas como sendo práticas “neutras”. Por outro lado, não necessariamente deve ser encarada como um obstáculo, um agente dificultador da vida escolar e/ou da vida cotidiana.

“Entendo que o ato de avaliar é, constitutivamente, amoroso. (...) O ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é). (...) O ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, alegrias e dores como eles são: acolhe para permitir que cada coisa seja o que é, neste momento. (...) O ato amoroso tem a característica de não julgar. Julgamentos aparecerão, mas, evidentemente, para dar curso á vida (á ação) e não para excluí-la. (...) O acolhimento integra, o julgamento afasta. (...) Só quando acolhidos, nos curamos. O primeiro passo para a cura é admissão da situação como ela é. (...) O ato amoroso é acolhedor, integrativo, inclusivo”. (LUCKESI, 1999, p. 168-172)

Segundo Luckesi (1999), geralmente no cotidiano escolar são feitos poucos momentos que se constituem realmente num processo de avaliação. A avaliação foi equiparada e relacionada no cotidiano escolar como sendo o momento de realização de exames e provas. As provas e os exames no cotidiano escolar têm por objetivo verificar e classificar o nível de desempenho do aluno em determinado conteúdo. Essa prática transforma os acertos dos alunos em “notas” para depois classificar e separar e por fim excluir, ao final de uma etapa, os realmente ‘bons’ dos realmente “fracos”.

Essa prática classificatória feita pelos exames e praticada em muitas escolas tem pouco ou nenhum comprometimento com a inclusão e construção de seres mais críticos, participativos e autônomos. Esta avaliação está comprometida com uma sociedade das minorias, onde legitima-se a exclusão e a marginalização da maioria. Neste contexto, as provas e os testes não podem constituir-se em atos amorosos conscientes da sua função, pois, para serem atos de amor, devem opor-se a este modelo de sociedade burguesa e aos pilares que a sustentam.

A avaliação da aprendizagem como sendo um ato amoroso não julga e nem excluí. Ela aceita o indivíduo como ele é, para que depois de acolhê-lo e torná-lo parte do seu processo de construção, possa ressignificá-lo.

“O ponto de partida para toda cura é o reconhecimento acolhedor do que existe. (...) A avaliação acolhe alguma coisa, ato, pessoa ou situação e, então, reconhece-a como é (diagnóstico), para uma tomada de decisão sobre a possibilidade de uma

melhoria de sua qualidade; para a avaliação não há uma separação entre o certo e o errado; há o que existe e esta situação que existe é acolhida, para ser modificada. Na avaliação, não há exclusão”. (LUCKESI, 1999, p.172)

Cabe-nos agora partir para uma reflexão radical, indo até a raiz do problema, a fim de compreendermos de fato qual a função da avaliação e descortinarmos o comprometimento da prática avaliativa atual com um “sistema” que pouco se preocupa com a construção de uma sociedade de cidadãos críticos, participativos e sujeitos da sua história. Para que a avaliação se torne um ato amoroso, é necessário o repensar dos valores e das crenças avaliativas e o enfrentamento dos caminhos tortuosos que constituem o ato de avaliar.

A avaliação sobre a ótica da classificação e seleção dos alunos

Entendida por SAUL (2000), como avaliação quantitativa, tem suas características e fundamentação teórica centrada no modelo positivista de educação. Suas características básicas são:

- a avaliação deve ser objetiva. Seguindo a objetividade da Ciência, a educação também, para ter mais credibilidade e validade, deve seguir com rigorosidade e fidedignidade os instrumentos de coleta e análise de dados.
- seguindo as ciências naturais, a estatística é considerada uma forma de garantir e legitimar as novas teorias. Usando este recurso na educação, ela conferirá a esta um maior grau de credibilidade.
- o que importa e tem maior ênfase é o resultado. O avaliador, em busca da credibilidade de sua avaliação manipula e neutraliza variáveis, deixa de lado aspectos importantes por estes no estarem previstos no seu instrumento de avaliação. Sobre esta ótica de avaliação, a escola pode ser comparada a um laboratório onde todos os comportamentos e experiências são previstos e cuidadosamente controlados e mensurados.
- nesta avaliação, o currículo não está sujeito a mudanças. As relações na escola e na sociedade podem se alterar, mas o currículo permanecerá o mesmo.
- usam-se meios e instrumentos objetivos para buscar as informações. Tudo é muito objetivo, não aborda o centro do problema, pois detêm-se a dados com pouca relevância. O instrumento utilizado para a mensuração não pode ser alterado. Ele foi previsto para uma determinada realidade, obedecendo determinadas variáveis e para se manter com credibilidade, não pode ser alterado, sob pena da avaliação perder seu caráter valorativo.

- para manter-se a credibilidade, esta avaliação utiliza-se de um universo muito amplo. Com esta generalização dos resultados as especificidades não são contempladas.
- neste tipo de avaliação o pesquisador e a Educação devem buscar a neutralidade. Esta concepção de avaliação busca a “comprovação” dos objetivos previamente definidos.
- o processo de avaliação assume um caráter burocrático, sem muito o que se analisar. Preocupa-se com o preenchimento de relatórios de forma que estes venham a contribuir e comprovar o que foi previamente definido.

Avaliação sobre a ótica “qualitativa”

Também, segundo SAUL (2000), a avaliação qualitativa surgiu como reação a avaliação quantitativa e ganhou força na década de 60, nos Estados Unidos. Esta avaliação alternativa tem como intencionalidade, dar conta daquilo que a avaliação quantitativa excluiu ou deixou de lado. Centrada no aluno e na sua aprendizagem e consciente de que os testes e provas padronizados não garantiam a informação necessária para uma avaliação, tem como características:

- na avaliação qualitativa, a objetividade não pode ser considerada o objetivo principal.
- a compreensão de fenômenos ou acontecimentos é intencional e está sujeita a erros e limitações, pois é praticada por seres humanos.
- o respeito às posições e opiniões cujos indivíduos e de como eles reagem frente a diferentes situações é de suma importância para se entender o que se está avaliando.
- a posição do avaliador não é neutra, pois na sua avaliação ele estará partindo de uma ideia carregada de valores individuais e de construção histórica que são impossíveis de serem descartados por mais que se tenha esta intencionalidade.
- a educação e a avaliação não podem ser entendidas como sendo processos de estímulo-resposta e nem como mera atividade burocrática.
- a avaliação não pode servir apenas para comparar os resultados com os objetivos propostos. Como ela tem por objetivo construir um cidadão crítico e agente da sua história, seus efeitos não podem ser verificados a curto prazo.
- nesta avaliação, o principal não é o resultado final. Dá-se ênfase e significância ao processo com intenção de proporcionar maior informação necessária para a formulação e reformulação da prática educativa.

- análise dos dados observando também as especificidades e evitando generalizações. Nesta avaliação a observação, a análise e a interpretação dos dados ganham espaço junto com os dados quantitativos.
- flexibilidade e rigor metodológico. A metodologia esta sujeita a mudanças e avaliações na medida em que se começam despertar as especificidades. A metodologia se altera de acordo com os desafios que se apresentam. Um instrumento de avaliação fechado não pode ser utilizado para se pesquisar e analisar uma realidade que se transforma diariamente.
- a intencionalidade desta avaliação é observar, compreender, interpretar e analisar uma determinada situação para que os indivíduos possam entender, interpretar e intervir nela de forma mais adequada.
- na avaliação qualitativa, os registros ou documentos devem conter toda a caminhada (avanços e dificuldades) do grupo para que este perceba o processo de avaliação como uma forma de construção (de caráter inclusivo) e possa refletir e reorganizar sua prática.

Da avaliação quantitativa á avaliação libertadora

A avaliação libertadora é processual e nos passa a idéia de movimento. Ela tem como característica a observação, descrição análise e reflexão da realidade com o objetivo de transformá-la.

Esta avaliação está comprometida com o senso crítico, com a sensibilidade social, com a autonomia dos indivíduos e, por estar comprometida com as ‘transformações’ e “mudanças” nas relações sociais, ela se torna projeto dentro de instituições e governos que tenham as mesmas preocupações.

A avaliação libertadora não apenas possibilita que os indivíduos questionem o seu cotidiano, mas faz com que estes partam para uma ação e/ou visualizem uma alternativa para a mesma. É o indivíduo abandonando o papel de ator coadjuvante no filme da sua, vida, assumindo o papel de agente construtor da sua própria história e ressignificando também o seu papel na sociedade. O determinismo social utilizado para explicar e legitimar a exclusão não tem mais sentido, pois os indivíduos direta ou indiretamente tomam nas mãos o seu “destino” (história) e possam gerar novas alternativas de ação.

Interessada não apenas no resultado final ou com a comprovação de hipóteses, preocupa-se com o futuro e com o homem como um ser incluso nas relações sociais e que pode reproduzir, legitimar e/ou transformar a realidade que o cerca. Portanto, esta prática avaliativa não é neutra e nem prega a neutralidade. Ela cria alternativas, serve como um elemento para a transformação.

“O que devo pretender não é a neutralidade da educação mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e ás educadoras. (...) Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem. (...) Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele (FREIRE, 1998: p.125- 126)

Democrática formativa, educativa, inclusiva, esta avaliação necessita da participação e do comprometimento de todos os, envolvidos no processo educativo, a fim de ressignificar não apenas o “papel da avaliação”, mas também o caráter da Educação em nossa sociedade.

O educador avaliador nesta perspectiva assume o papel de co-orientador, ele não é mais apenas o que educa, ele se reconstrói, junto com seu aluno, no processo de avaliação. Ele tem compromisso com o diálogo e com o trabalho coletivo. Ele entende que a sua prática, enquanto educador e avaliador exige uma tomada de posição e portanto, não pode ser neutra. Ele sabe que a neutralidade é uma forma de pactuar e legitimar essa sociedade excludente, então, usa a avaliação como um elemento para a luta e transformação desta realidade.

A avaliação é compreendida como um ato amoroso e não classificatório serve como um instrumento de diagnóstico da realidade. Não tem por objetivo identificar os erros e os acertos para usá-los como arma e/ou garantir o controle do processo ensino-aprendizagem. Esta análise crítica tem por objetivo a transformação da realidade.

“E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções.

Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais.” (FREIRE, 1981: p. 92)

Os efeitos, positivos e/ou negativos da avaliação se manifestarão no modo de ser e de estruturar a sociedade, portanto ela não pode ser um ato ou uma ação qualquer. Ela deve ser dialética. Ela deve ser libertadora. Ela deve ser um ato de amor...

Considerações Finais

A avaliação como um ato de amor, preocupado e comprometido com uma sociedade mais justa e democrática, não pode ter senão, o objetivo de diagnosticar para incluir. A avaliação é uma forma de intervir no mundo portanto deve ser necessariamente transformadora e libertadora dos indivíduos e da sociedade.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 10 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SAUL, Ana M. **Avaliação emancipatória. Desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.